

*ATAS DO II ENCONTRO NACIONAL DO
GRUPO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM
DO CENTRO-OESTE:
INTEGRAÇÃO LINGÜÍSTICA, ÉTNICA E SOCIAL*

*Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)*

Brasília

2004

Componentes da Diretoria do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste
GELCO

Presidente

Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

Vice-Presidente

Maria Zaira Turchi (UFG)

Primeira Secretária

Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS)

Segunda Secretária

Hilda Orquídea Hartman Lontra (UnB)

Primeiro Tesoureiro

Manoel Mourivaldo de Almeida (UFMT)

Segunda Tesoureira

Maria Raquel Galán (ULBRA/TO)

E56	<p>Encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social (2. 2003 : Goiânia)</p> <p>Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social / Denize Elena Garcia da Silva / (organizadora). — Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v.</p> <p>1. Linguística-Centro-Oeste. 2. Linguística-conferência. 3. Linguística aplicada. 4. Literatura. I. Silva, Denize Elena Garcia da. II. Título.</p> <p>CDU 801(817)(061.3)</p>
-----	--

Endereço para correspondência:

Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste – **GELCO**

UnB – IL – LIV

Campus Universitário Darcy Ribeiro – ICC Norte, subsolo, módulo 20

CEP 70910-900 – Brasília – DF

SOBRE A LÍNGUA BORÓRO

Adriana M. S. Viana (UnB)

Abstract: In this paper, I present some information about the history of Boróro Indians, their relationship with the white men and, specially, general characteristics of the phonology and the morphosyntax of their language.

Keywords: Boróro; history; phonology; morphosyntax.

1. Informações Preliminares

O Boróro é uma língua indígena brasileira, pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê e à família Boróro (cf. Rodrigues, 1986, 1999)¹ e falada pelos índios de igual denominação, que habitam seis áreas distintas do estado de Mato Grosso, a saber: Merúri, Tadarimana, Perigara, Teresa Cristina, Sangradouro e Jarudori.

O último censo, realizado em 2000 pelo Pe. Gonçalo Ochoa Camargo, registrou uma população de 1100 indivíduos aldeados, além de 69 de que o autor teve notícia, residentes em cidades e fazendas da região (cf. Camargo, 2002). No final do século XIX, esse número era de aproximadamente 10.000 índios, que ocupavam uma área 300 vezes maior que a atual (cf. *site* do Instituto Socioambiental — ISA, entre outras referências)².

A palavra **boróro**, nessa língua indígena, significa 'pátio da aldeia' e foi o nome dado pelos colonizadores a esses índios que se autodenominam **boe** ([bwe] ou [bɔɪ]). Aos outros índios, eles chamam de **barege** 'animais' e aos brancos chamam de **brae** ou **barae**.

2. História do contato

Segundo informações no *site* do ISA, os primeiros contatos com os luso-brasileiros remontam ao século XVII, quando as primeiras expedições jesuíticas vieram de Belém rumo à bacia do Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao rio Paraguai.

Contudo, foi no século XVIII, com a chegada das bandeiras paulistas e com a descoberta de ouro na região onde hoje é a cidade de Cuiabá, que esse contato se intensificou. Nessa época, a grande nação Boróro foi dividida em duas partes: os Boróro Ocidentais — Boróro da Campanha e Boróro Cabaçais — e os Boróro Orientais (cf. Viertler, 1976: 19), conhecidos como Coroados, nome a eles dado, assim como a outros grupos indígenas, em função de seu corte de cabelo em forma de círculo, como observam Colbacchini & Albisetti (1942). Essa cisão, como apontam esses autores, fez com que os dois grupos deixassem de manter qualquer contato entre si. Em virtude de agressões sofridas por parte de colonizadores de Cárcere e Vila Bela, os Boróro ocidentais foram considerados extintos em meados do século XX.

Como observa Bordignon Enawurú (1987), em certa ocasião, assim como aconteceu a oeste, foi solicitado aos índios Boróro do leste que servissem de guardiões da área ao longo da

¹ As evidências para classificar o Boróro como uma língua Macro-Jê devem-se, inicialmente, a um trabalho de Guérios (1939), que apontou semelhanças entre o Boróro e duas línguas da família Jê: o Timbira e o Kayapó. Posteriormente, Rodrigues (1993), comparando a flexão de pessoa em Boróro e Timbira, apresentou mais evidências para a hipótese de Guérios. Em seu artigo de 1999, Rodrigues aponta uma série de argumentos, que estaremos gradativamente apresentando no corpo deste texto, para que o Boróro seja classificado como uma língua Macro-Jê.

² www.socioambiental.org.br

estrada Goiás-São Paulo, onde os Panará freqüentemente atacavam os transportadores de ouro que levavam a mercadoria de Mato Grosso para São Paulo. Dom Luís de Mascarenhas, então governador de São Paulo e Minas Gerais, escreveu ao rei de Portugal afirmando que “a gente própria para fazer guerra ao gentio caiapó [Panará] é outro gentio junto com alguns brancos e os Boróros melhor que todos pelo seu valor e fidelidade para os mesmos brancos.” (cf. Bordignon Enawurú, 1987: 11). Dom João V aprova o pedido do governador e pede, então, aos moradores, que paguem uma arroba de ouro para organizar a bandeira contra os Panará e os Acroás.

Assim, em 1743, o bandeirante Antônio Pires de Campos foi a Cuiabá e de lá voltou com 500 guerreiros Boróro e suas famílias. O grupo atacou os Panará, tendo aprisionado mais de 1000 índios em três meses, num raio de aproximadamente 900 km de extensão. Nessa época, após ter desistido de atacar a maior aldeia Panará (localizada na região de Camapuã), Campos fundou vários aldeamentos Panará, tendo os Boróro como guardiões.

Bordignon Enawurú afirma que muitos daqueles Boróro, aldeados na região do Triângulo Mineiro, então território goiano, foram levados para a Ilha do Bananal, em 1809, a um lugar chamado Nova Beira, onde a maioria morreu. Os poucos que permaneceram no Triângulo Mineiro foram se misturando com outros povos e, gradativamente, desaparecendo. Nessa época, Auguste de Saint'Hilaire visitou os Boróro que ainda permaneciam na região e constatou que a língua que falavam não era mais o Boróro, mas língua geral.

Em 1829, inicia-se a abertura de uma nova estrada ligando o Mato Grosso a Minas Gerais e São Paulo, cruzando o vale do rio São Lourenço, o que causou uma guerra que durou 50 anos e que resultou na rendição quase total dos índios.

A pacificação, em 1887, resultou na criação de duas colônias militares: Teresa Cristina (na confluência do rio Prata com o rio São Lourenço) e Isabel (na confluência do rio Pequiri com o rio São Lourenço). Entretanto, após a proclamação da República, em 1889, essas colônias foram sendo, pouco a pouco, abandonadas pelos militares.

Em 1895, o governo da província de Mato Grosso confiou aos salesianos a tarefa de pacificação definitiva dos índios Boróro, entregando-lhes, para administrar, a colônia Teresa Cristina. Em 1898, por razões políticas, os salesianos deixaram a colônia.

Em 1902, no entanto, foi confiada aos salesianos, novamente, a tarefa de pacificar os Boróro, mas, dessa vez, os que habitavam os rios Garças, Araguaia, das Mortes e o alto São Lourenço, que ainda viviam em conflito com os brancos. Nesse ano, foi fundada a colônia Sagrado Coração de Jesus, num lugar chamado de Tachos. Em 1905, os salesianos fundaram outra colônia, nas margens do rio das Garças perto do córrego Araci e, em 1906, uma terceira, numa antiga fazenda chamada Sangradouro, onde hoje se encontra um número reduzido de Boróro e um grande número de Xavante, expulsos de sua área original.

Em 1923, como relata Bordignon Enawurú, a colônia do rio das Garças foi abandonada em virtude de uma epidemia e a dos Tachos foi transferida para Merúri, há mais ou menos 12 km dali, onde permanece até hoje.

Após demarcada a área, em 1976, uma nova aldeia foi construída nas margens do rio das Garças: a aldeia Garças ou, em Boróro, **Jakoreu Iawto** — lugar dos Botos —, onde, segundo Bordignon Enawurú, foi realizada, em 1983, a primeira assembléia geral dos caciques Boróro.

Sobre a atuação dos missionários salesianos junto aos Boróro, o antropólogo Claude Levi-Strauss, já na década de 30, ao visitar a extinta aldeia de Kejara, observou que essa aldeia continuava a ser, juntamente com outras duas que compõem o rio Vermelho — Pobori e Jarudori —, uma das últimas onde a ação dos salesianos não fora decisiva. “Pois esses missionários que, com o Serviço de Proteção, conseguiram acabar com os conflitos entre índios e colonos, fizeram simultaneamente excelentes pesquisas etnográficas (nossas melhores fontes sobre os Boróro, depois dos estudos mais antigos de Karl von den Steinen) e empreenderam o extermínio metódico da cultura indígena” (cf. Levi-Strauss, 1955: 203).

Talvez como um ato de reconhecimento desse extermínio outrora causado pela ação da missão junto aos índios, está sendo organizado em Merúri, sob a coordenação da missão, o Centro de Cultura Pe. Rodolfo Lunkenbein, que tem como objetivo reconstruir pelo menos parte do foi que perdido no decorrer desses anos. O ensino da língua, no entanto, apesar de fazer parte das atividades escolares, não tem atraído a atenção das crianças e dos adolescentes. Esses, embora compreendam um pouco a língua, não se interessam em aprender a falar, talvez pelo fato de a comunidade ter o português, e não o Boróro, como língua de prestígio.

3. Evidências lingüísticas do contato entre os Boróro e os bandeirantes

Rodrigues (2002, manuscrito), num trabalho apresentado em uma das sessões de seminário do Laboratório de Línguas Indígenas da UnB — LALI, intitulado "Bandeirantes e índios Boróro: evidências lingüísticas de um relacionamento histórico", aponta uma série de evidências lingüísticas desse contato entre bandeirantes e índios Boróro, que passo a apresentar a seguir.

Do léxico comum da língua, Rodrigues aponta uma série de itens provavelmente advindos da Língua Geral Paulista (LGP), língua falada pelos bandeirantes:

- (1) **japara** (EB) 'foice' < LGP **Jýapára** 'foice' (lit., 'machado curvo')¹
- (2) **pinai** (EB) 'tesoura' < LGP **pirája** [**pirãña**] 'tesoura' (lit. 'piranha [peixe])
- (3) **tapíra** (EB) 'boi, gado vacum' < LGP **tapiŕíra** 'boi, vaca (originalmente, 'anta')
- (4) **boura** (BM) 'enfeite de contas, contas' < LGP **moŕýra** [mboŕyra] 'contas de colar'
- (5) **takoréy** (EB) 'cana de açúcar' < LGP **takwáreŕe** (EB) 'id.' (lit. taquara doce)
- (6) **karaiwa** (CA) palavra ofensiva < LGP **karaíba** 'homem branco'
- (7) **karaiwa-doge** (EB) [-**doge** é sufixo pluralizador] 'certos espíritos' < LGP **kabaiba** 'homem branco'
- (8) **tupa** '(1) um espírito e seu xamã, (2) pessoa não indígena, em sentido ofensivo' < LGP **tupã** 'Deus (dos cristãos)' (originalmente **tupána**, 'ser mítico associado ao trovão')

Do léxico da linguagem xamânica dos **tupa**, Rodrigues destaca as seguintes palavras:

- (9) **bety** (na ling. comum: méa) (EB) 'tabaco' < LGP **petýma** 'tabaco'
- (10) **ywoatyri yki** (na ling. comum: tóri) (EB) 'morros' < LGP **ybytyra** 'morro'
- (11) **pitu yki** (na ling. comum okwámy) (EB) 'cachimbo' < Port. pito
- (12) **kamara kabitáo** (EB) 'chefe' < Port. camarada capitão
- (13) **kamara mae-doge** (EB) 'mães' < Port. camaradas mães

Por fim, do léxico da linguagem xamânica dos **bari**, o autor destaca as seguintes palavras:

- (14) **ore tupe** (EB) 'civilizados' (lit. filhos dos túpe'), sendo provavelmente **túpe** < LGP Tupí de Piratininga', os índios dominados que os sertanistas empregavam como força para auxiliar em seus ataques a outros povos indígenas.
- (15) **ore marege** (EB) 'civilizados' (lit. 'filhos das feras')
- (16) **ore monoe** (EB) 'civilizados' (lit. 'filhos dos idiotas')

4. Alguns aspectos da fonologia e da gramática do Boróro

4.1. Fonologia

¹ EB: Enciclopédia Boróro, volume I; BM: Basílio de Magalhães; CA:

Segundo Rodrigues (1999), uma característica muito comum na maioria das línguas Macro-Jê é a presença de vogais nasais fonologicamente contrastivas em relação às vogais orais. O Boróro atual (assim como o Yatê) não apresenta vogais nasais, mas apenas sete fonemas vocálicos, todos orais: /i/, /e/, /ɨ/, /E/, /a/, /u/ e /o/. Contudo, há indícios de que numa fase anterior da língua, pelo menos parte da série nasal tenha existido. Essa hipótese explicaria, por exemplo, as diferentes origens das palavras 'coisa' e 'dente', que atualmente têm a mesma forma – **o**. Supõem-se que 'dente' tenha sido **o** e coisa **õ**.¹

A esse respeito, o autor ainda observa que, na maioria das vezes, as vogais nasais é que condicionam a variação das consoantes, e não o inverso. Em Boróro, o que restou dos antigos prefixos relacionais² apresenta-se atualmente com uma variação fonológica motivada pela presença ou ausência de antigas vogais nasais³. O relacional para *dente*, por exemplo, é **t-**, ao passo que para *coisa* é **n-**.

Quanto ao quadro de fonemas consonantais, o Boróro, ao lado do Kipeá e do Guató (cf. Rodrigues, 1999), possui uma série de consoantes oclusivas sonoras paralela à série de oclusivas surdas, distinguindo, contudo, somente 4 pontos de articulação (labial, alveolar, palatal e velar) e não possuindo a série fricativa ([p], [t], [χ&], [k], [k^w], [b], [d], [φ&], [g], [g^w]). Além desses elementos, o Boróro conta somente com duas consoantes nasais ([m] e [n]), dois *glides* ([w] e [j]) e o flap ([P]). Rodrigues (1999) observa que, em geral, as línguas Macro-Jê apresentam um quadro de fonemas consonantais simples, como é o caso do Boróro.

O acento em Boróro, na grande maioria das vezes, recai na penúltima sílaba da palavra fonológica:

(17) /' β□I 'ε Pε τυ ' μαγY τυ ' αI/
Boe **e=re** **tu** **magu** **pu** **ai**
os Boróro 3.SG=TAM REFLEX.3.SG palavra REC(íproco) para

/' β□I 'ε ρε μυ'γυωY τυ'απY /
boe **e=re** **mugu=wo** **pu** **apo**
os Boróro 3.SG=TAM ficar=para REC com

'Os Boróro fazem a sua mútua entrega para ficarem juntos'⁴

Um dos fenômenos fonológicos mais interessantes que ocorre em Boróro é a dissimilação de sonoridade. Em Viana (2003b), propusemos que esse fenômeno, pelo menos nos nomes e nos verbos, é desencadeado pelo que restou dos antigos prefixos relacionais da língua. Esses prefixos, em sua fase surda⁵, provocam a sonorização da primeira consoante surda da raiz dos verbos e dos nomes. Vejamos, a seguir, um exemplo desse fenômeno:

¹ Para maiores detalhes, veja Rodrigues (1993).

² Atualmente, o Boróro não distingue mais, do ponto de vista morfossintático, núcleos determinados contiguamente e não-contiguamente.

³ Obviamente, essa variação fonológica atestada na fase atual ocorreu numa fase anterior, quando o Boróro ainda possui vogais nasais.

⁴ Esse dado foi registrado por Camargo (2001) em um texto intitulado "Boe emugui puapodu" (Port.: O casamento Boróro). A transcrição fonética e a análise do texto foi possível graças à gravação da leitura feita por Benjamim, um dos meus informantes na aldeia.

⁵ Segundo Rodrigues (1993), o prefixo relacional **n-** do Boróro teve uma fase surda, realizando-se como /t/.

- (18) a. **ok^wa**
'boca'
- b. **i=n-og^wa**
1.SG=REL-boca
'minha boca'
- c. **a=k-og^wa**
2.SG=REL-boca
'sua boca'
- d. **∅=∅-ok^wa**
3.SG=REL-boca
'boca dele'
- e. **e=n-og^wa**
3.PL=REL-boca
'boca deles'

Naquele trabalho, propusemos que essa dissimilação é uma estratégia da língua para obedecer ao Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), que proíbe elementos adjacentes idênticos¹.

4.2. Gramática

Do ponto de vista morfossintático, Rodrigues (1999) aponta como uma das características de muitas línguas Macro-Jê o fato de a marcação do possuidor se realizar por meio de um pronome clítico. Isso é o que ocorre em Boróro, como podemos observar em (19), a seguir:

- (19) **I=kana**
1SG.braço
'meu braço'

Em Boróro, há uma única série de marcadores pessoais clíticos, que podem indicar posse, concordância com o sujeito ou com o objeto. Esses elementos estão sendo assim analisados (cf. Viana, 2003b) pelo fato de (i) não serem elementos inerentemente acentuados e (ii) poderem ser separados das raízes a que se ligam por meio de outros clíticos (de aspecto e negação, por exemplo):

- (20) **pa=ga=re** **bito**
1.PL(INCL)=NEG=TAM matar
'Nós não matamos'

Outra questão de natureza morfossintática interessante de ser destacada diz respeito ao estatuto morfofonológico dos elementos que expressam tempo, aspecto e/ou modo (morfemas TAM) em Boróro. Nessa língua, alguns desses elementos se realizam como clíticos (cf. Viana, no prelo) e outros como itens lexicais independentes (Viana, 2003b), podendo ser analisados como uma classe de verbos auxiliares que expressam unicamente as noções de tempo, aspecto e modo (cf. Viana, 2003a). Exemplificamos, a seguir, o comportamento de um desses elementos, o clítico =**re**, cujo significado ainda não podemos precisar^{2 3}:

- (21) **E=mago=re** **tori-ji**
3.PL=falar=TAM montanha-referencial
'Eles falaram sobre as montanhas'

- (22) **Kare=re** **woe**
peixe=TAM aqui
'Existe peixe aqui'

¹ Cf. McCarthy (1986) sobre o OCP.

² Crowell (1979) analisou o morfema **re** como um sufixo que expressa o aspecto neutro.

³ Os dados (21) a (24) são de Crowell, 1979. As glosas são nossas.

(23) **E-re karo kowije**
 3.PL-TAM peixe comer
 'Eles comeram o peixe'

(24) **I=kuri=re**
 1.SG=grande=TAM
 'Eu sou grande'

Nos casos acima, o morfema TAM se realiza como clítico já que (i) não é inerentemente acentuado e (ii) não seleciona categorialmente a raízes a que se liga, podendo estar ligado a um verbo, como em (21), a um nome, como em (22), a um pronome, como em (23) ou a algo a que Crowell (1979) chama de adjetivo, como em (24). Os elementos que se realizam como itens lexicais independentes (**mēdi** e **nire**, por exemplo)¹ se distinguem dos que se realizam como clíticos apenas pelo fato de serem elementos que recebem acento inerentemente.

No que se refere à ordem dos constituintes na oração, Rodrigues (1999) afirma que as línguas da família Jê apresentam, em sua maioria, as ordens SV e SOV. O autor observa ainda que o mesmo padrão é encontrado nas línguas Maxakalí, Krenák, Yatê, Karajá e Boróro. Em Boróro, podemos exemplificar esse padrão com os dados a seguir²:

(25) **Ime e=meru=re awara kae**
 homens 3.PL=caçar=TAM estrada por
 'Os homens andaram pela estrada'

(26) **E=re juko bito**
 3.PL macaco matar
 '(Eles) matam macaco'

Por fim, o que é interessante ainda observar é a ordem de ocorrência dos morfemas TAM nas orações. Conforme afirma Crowell (1979), nas orações intransitivas, esses elementos sempre seguem o verbo, ao passo que nas orações transitivas, seguem o verbo se não houver um sujeito agente na oração. Nesse caso, os morfemas TAM irão seguir esse sujeito agente. Essa é uma hipótese que deverá ainda ser testada em nosso trabalho.

5. Considerações Finais

O presente trabalho teve como principal objetivo situar o povo e a língua Boróro na discussão sobre línguas e povos indígenas do centro oeste. Como pudemos observar, a história dos Boróro, como a de tantos outros povos indígenas brasileiros, foi e tem sido muito dura. Seu território foi devastado, sua cultura foi negada e sua língua vem sendo, pouco a pouco, relegada a segundo plano, diante da supremacia do português. Nesse sentido, esperamos que nossa pesquisa, além de contribuir para o entendimento de questões universais que permeiam a linguagem humana e que são debatidas nas diversas correntes teóricas, possa também, de alguma forma, contribuir para a preservação da língua desse povo que, com muita dignidade, tanto tem lutado para a resguardar o que restou de suas tradições.

¹ Em princípio, **mēdi** parece indicar futuro e **nire**, progressivo.

² O dado (25) é de Crowell, 1979 e o dados (26) é de Camargo, 2002. As glosas são nossas.

6. Referências Bibliográficas

- ALBISETTI, C. & VENTURELLI, (1962) A. J. *Enciclopédia Boróro*, volume 1. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco.
- BORDIGNON ENAWURÉU, M. (1987) *Os Boróros na história do centro oeste brasileiro — 1716-1986*. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso / CIMI-MT.
- COLBACCHINI, A. & ALBISETTI, C. (1942). *Os Boróros orientais orarimogodogue do planalto oriental de Mato Grosso*. São Paulo: Brasiliana.
- CROWELL, T. (1979) *A Grammar of Bororo*. Cornell University, tese de doutorado. Cornell: Cornell University.
- GUÉRIOS, R. F. M. (1939) O nexó lingüístico Boróro — Merrime-Caiapó. *Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, tomo 2. n. 1, Curitiba, pp. 61-74.
- CAMARGO, G. O. (2001) (org) *Processo Evolutivo da Pessoa Boróro*. Campo Grande: UCDB.
- _____ (2002) (org) *Merúri na visão de um ancião Boróro — memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande: UCDB.
- LEVI-STARUSS, C. (2001) [1955] *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 4ª reimpressão.
- McCARTHY, J. (1986) OCP - effects: gemination and antigemination. *Linguistics Inquiry*, n. 17, p. 207-263.
- RODRIGUES, A. D. (1986) *Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Loyola.
- _____ (1993) Uma hipótese sobre a flexão de pessoa em Boróro. *Anais da 45ª Reunião Anual da SBPC*, Recife. p. 50,.
- _____ (1999) *Macro-Jê*. In: DIXON, M. W. & AIKHENVALD (orgs) *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP, pp. 165-206.
- _____ (2000) Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. *Boletim da ABRALIN*, nº 25, pp. 219-231.
- _____ (2002) *Bandeirantes e índios Boróro: evidências lingüísticas de um relacionamento histórico*, manuscrito.
- VIANA, A. M. S. (no prelo) Tempo, aspecto e modo em Boróro (a sair na revista *Liames*, Campinas).
- _____ (2003a) A expressão do modo e do aspecto em Boróro. *Pesquisa Lingüística*. nº 7. Brasília: UnB. p. 30-47.
- _____ (2003b) *Morfossintaxe da Língua Boróro*. Exame de Qualificação. Brasília: UnB.